**NOVO GOVERNO /** Expectativa da equipe de transição é de um grande público na cerimônia de 1º de janeiro. Janja diz que 12 chefes de Estado já confirmaram presença

# À espera de 300 mil pessoas na posse

» INGRID SOARES

José Cruz/Agencia Brasil

**Janja no CCBB: cerimônia não terá os tradicionais tiros de canhão, por causa do barulho que causam**

A futura primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja — responsável pelos preparativos da posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) —, afirmou que 12 chefes de Estado já confirmaram presença na cerimônia de 1º de janeiro.

Janja disse haver grande demanda de credenciamento da imprensa internacional e expectativa recorde de autoridades. "Talvez seja a maior presença de chefes de Estado até hoje no nosso período democrático", frisou, durante entrevista coletiva no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Com Janja estava o embaixador Fernando Luis Lemos Igreja. Segundo ele, os convites foram feitos na segunda-feira, por meio do Itamaraty, para todas as nações com relações diplomáticas com o Brasil. Entre os confirmados estão presidentes de países como Alemanha, Angola, Argentina, Bolívia, Cabo Verde, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guiné Bissau, Portugal e Timor Leste, além do rei da Espanha.

O grupo técnico da transição estuda ainda uma forma de convidar o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. No governo do presidente Jair Bolsonaro (PL), as relações diplomáticas foram cortadas com o país. Além disso, o atual chefe do Executivo baixou uma portaria impedindo que altos funcionários venezuelanos entrem no Brasil.

A posse também será inclusiva. Os 21 tiros de canhão, tradição nesse evento, não devem ocorrer, devido a autistas sensíveis a barulhos e também a animais de estimação. Janja relatou ter se reunido com instituições da causa autista e do GT de Meio Ambiente.

"Estamos atendendo a pessoas que têm perturbação com barulhos excessivos. A salva de canhão, a gente vai analisar e talvez substituir por algo que contemple o que a salva de tira significa. São 21 tiros de canhão que estão no protocolo inicial da posse. A gente vai conversar. Já tive algumas ideias, e vamos ver como podemos fazer isso", contou. Caso haja queima de fogos de artifício, os artefatos também devem ser sem ruídos.

A expectativa da transição é de que 300 mil pessoas compareçam à Esplanada dos Ministérios. A futura primeira-dama agradeceu ao governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), pelo apoio na estrutura de segurança.

## Passagem de faixa

Ao ser questionada sobre a incerteza em relação à passagem de faixa por parte do presidente Jair Bolsonaro (PL), no rito de posse, Janja frisou que ainda não está definida a participação do atual chefe do Executivo.

"A cerimônia institucional tem um protocolo, que diz que o presidente que está deixando passaria a faixa. Se isso acontecer, seguiremos o protocolo. Não tem a confirmação. Vão ter de perguntar ao presidente que está em exercício se ele vai passar a faixa. Se não, vamos pensar como vamos fazer isso."

Por questão de segurança, a socióloga não disse qual será o ponto de partida do presidente eleito. "Vamos reter um pouco essa informação de onde ele (Lula) vai sair. Será feito o trajeto de carro aberto, posso confirmar isso para vocês", limitou-se a comentar.

Janja relatou que Lula começará o trajeto de carro em direção ao Congresso Nacional por volta das 14h30. Já a cerimônia no plenário do Congresso está prevista para as 15h. No Palácio do Planalto, para cumprimento de chefes de Estado, o horário estabelecido é 17h. A recepção de delegações estrangeiras no Itamaraty, às 18h30.

A posse será transmitida em telões na Esplanada. Já os shows previstos no Festival do Futuro, com mais de 20 artistas, devem ocorrer ao fim da cerimônia no Planalto.

### Vaquinha on-line

O PT lançou campanha de arrecadação popular para financiar a festa da posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O evento deve contar com um conjunto de apresentações artísticas além da cerimônia tradicional de transferência de faixa presencial. O site da sigla afirma que as doações serão direcionadas para cobrir os gastos de transporte e de logística do público, além do alojamento, acolhimento, montagem da estrutura dos palcos e reforço de segurança. Os valores de doação variam de R$ 13 a R$ 1.064 e podem ser feitos por meio de pagamento de PIX, cartão de crédito ou boleto bancário.

# Rolls-Royce é dúvida para a cerimônia

A primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, disse que a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva poderá ser feita em outro veículo, e não com o tradicional Rolls-Royce, carro usado desde a década de 1950 nessas cerimônias. Ela afirmou que o veículo foi "danificado" durante a gestão do presidente Jair Bolsonaro.

Janja não detalhou qual seria o problema específico do carro, que foi usado pela primeira vez em 1953, pelo presidente Getúlio Vargas, nas comemorações do Dia do Trabalho.

"Hoje é essa informação que eu posso dizer para vocês, que o presidente Lula estará em carro aberto, como é o protocolo, e que será no Rolls-Royce, se estiver em condições, porque parece que ele foi danificado na última posse", afirmou a futura primeira-dama, em entrevista coletiva no CCBB.

Perguntada sobre qual seria o problema, Janja citou apenas que haveria um dano no "banco" do carro. "O embaixador (Fernando Igreja) está responsável por isso, e nossa equipe vai averiguar isso, se está em condições. É um carro bastante antigo", ressaltou. Procurada, a Presidência da República ainda não se manifestou. A Secretaria-Geral também não respondeu sobre o assunto.

Na posse de 1º de janeiro de 2019, o vereador Carlos Bolsonaro, filho do presidente, chamou a atenção ao sentar-se no banco de trás do Rolls-Royce, acompanhando a cerimônia do pai, ao lado de Michelle Bolsonaro, como se fizesse a "segurança" do chefe do Executivo. A atitude foi criticada, mas vista como um "reconhecimento" de Bolsonaro em relação à ajuda do filho na campanha eleitoral.

A programação do que está sendo chamado de Festival do Futuro incluirá uma exposição sobre momentos das posses presidenciais e ícones da democracia, que ocorrerão no Museu da República e no Museu de Arte de Brasília. "Vai ser um grande festival para acompanhar esse momento histórico, que é o retorno do presidente Lula à presidência da República", comentou Janja.

# Haddad defende Planejamento separado

» VINICIUS DORIA

Reprodução/Youtube @Lula

**Haddad: "Discussão é sobre melhor local para a secretaria"**

O ex-ministro Fernando Haddad defendeu, ontem, que a área de planejamento do novo governo não integre a estrutura da nova pasta de Orçamento e Gestão, a ser criada com a cisão do atual Ministério da Economia. No desenho que vinha sendo discutido pelo governo de transição, a Economia seria dividida em duas: Fazenda e Planejamento, Orçamento e Gestão.

A declaração de Haddad, um dos nomes mais cotados para assumir a Fazenda, levanta a possibilidade de criação de uma pasta ou secretaria com status de ministério para abrigar planejamento e investimentos estratégicos.

"A discussão é sobre qual o melhor local para a secretaria de planejamento, para que ela não seja tragada pelas secretarias que têm o curto prazo muito ostensivo, como Orçamento, Gestão, Logística, Governo Digital, que têm um dia a dia muito pesado. Isso, muitas vezes, traga o tempo do ministro, que acaba não tendo disponibilidade para pensar o planejamento de médio e longo prazos", justificou.

Haddad se encontrou, ontem, com o vice-presidente para a América Latina e Caribe do Banco Mundial (Bird), Carlos Alberto Jaramillo, e com o diretor do banco para o Brasil, Johannes Zutt. Os executivos foram apresentar ao governo de transição os projetos que o banco multilateral está financiando no país e as prioridades de investimentos para o próximo ano. Na avaliação do governo eleito, o Bird pode ajudar a destravar a política de parcerias público-privadas (PPP).

Jaramillo disse que o Bird vai apoiar o novo governo e que tem interesse em ampliar a relação com o Brasil com investimentos para o combate à fome e à pobreza e ao desmatamento na Amazônia. Também apontou a política fiscal e a necessidade de crescimento econômico como questões de interesse.

Em conversa com jornalistas, Haddad comentou a reunião e disse que o Brasil tem muito interesse em reforçar o acesso aos financiamentos do Banco Mundial, cuja carteira de projetos no país somam cerca de R$ 5 bilhões, "uma parte na área de PPPs e concessões", segundo o ex-ministro.

## NAS ENTRELINHAS

**Por Luiz Carlos Azedo**

luizazedo.df@dabr.com.br

# MDB pleiteia três ministérios, um para Simone Tebet

A participação do MDB no governo Lula é assunto resolvido. O presidente da legenda, deputado Baleia Rossi (SP), pacificou o partido internamente para que integre a coalizão que está sendo formada com o PT e mais 14 partidos. A ex-candidata à Presidência Simone Tebet será a estrela da legenda no novo governo, com apoio integral das bancadas da Câmara e do Senado, que também estarão representadas na ampla coalizão democrática em formação. O martelo deve ser batido no encontro de Rossi com o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.

Baleia considera Simone Tebet a grande liderança democrática de centro que emergiu da disputa eleitoral, não apenas pela votação que teve no primeiro turno, no qual a chamada "terceira via" foi esvaziada pela polarização entre Lula e Bolsonaro. Sua atuação no segundo turno, quando se engajou de corpo e alma na campanha do petista, contribuiu decisivamente para levá-lo à vitória. Lula sabe disso.

O excelente desempenho durante os debates entre os candidatos à Presidência e a clareza de suas propostas fizeram de Simone a candidata do MDB com melhor desempenho em disputas presidenciais da História, com 4.915.423 votos — o equivalente a 4,2%. O apoio a Lula no segundo turno não foi por gravidade, mas condicionado à adoção de propostas de seu programa de governo, como o pagamento de uma bolsa de R$ 5 mil para alunos que terminarem o ensino médio. Durante a campanha, Simone se empenhou para transferir o maior número de votos possível para Lula, que obteve apoio de 3,5 milhões de eleitores a mais na segunda votação.

A presença de Simone Tebet no governo Lula, por isso mesmo, muda a natureza da ampla coalizão em formação, que passa a ser claramente de centro-esquerda, independentemente da participação de outras legendas. Mesmo sem a presença do PSDB, que pôs a carroça à frente dos bois ao projetar o governador eleito do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, novo presidente da legenda, como virtual pré-candidato à Presidência da República. É um certo açodamento, porque há um longo caminho a ser percorrido até 2026.

## Eleições municipais

A aposta do MDB é construir um forte campo eleitoral de centro democrático nas eleições municipais de 2024, a partir de uma federação formada com Podemos, PSDB, Cidadania e outras legendas. Segundo ele, esse é o caminho para viabilizar candidaturas competitivas no campo de forças que se opõem ao bolsonarismo e apoiam o governo Lula. Não é uma construção fácil. O PSDB derivou para a oposição em razão da aliança entre Eduardo Leite e o deputado Aécio Neves, ex-governador de Minas, que ganhou a queda de braço com o ex-governador paulista João Doria e recuperou sua influência na bancada federal da Câmara.

A PRESENÇA DA EX-CANDIDATA À PRESIDÊNCIA NO GOVERNO LULA MUDA A NATUREZA DA COALIZÃO EM FORMAÇAO, QUE PASSA A SER MAIS AMPLA E DE CENTRO-ESQUERDA

Além disso, a situação do PSDB é muito delicada em São Paulo, porque o apoio do ex-governador Rodrigo Garcia ao novo governador eleito Tarcísio de Freitas não foi robusto o suficiente para conter a debandada de prefeitos tucanos para o PSD de Gilberto Kassab, que será o braço direito do novo governador paulista. Até os garçons do Palácio dos Bandeirantes sabiam que o esvaziamento do PSDB paulista seria inevitável, com a ida do ex-governador Geraldo Alckmin, hoje vice-presidente da República eleito, para o PSB, e a derrota acachapante de Garcia, que ficou fora do segundo turno. Nesse rastro, deputados do PSDB e outras legendas só não fazem a baldeação por medo de perderem os mandatos.

## Orçamento secreto

Independentemente da PEC da Transição, votada ontem no Senado e que ainda precisa ser aprovada pela Câmara, os dias do chamado orçamento secreto estão contados. E não apenas porque a presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministra Rosa Weber, que cobra o fim do sigilo sobre as emendas, pôs em votação a ação de PSB, PSol, Cidadania e PV que arguia inconstitucionalidade das chamadas emendas do relator.

Começa a se formar entre as lideranças do Congresso uma opinião majoritária de que as emendas ainda podem gerar muita dor de cabeça para seus autores, devido à farra de distribuição de verbas federais durante a campanha eleitoral e as denúncias de corrupção nos municípios. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), já vem conversando com outras lideranças sobre a necessidade de uma alternativa que garanta mais transparência às emendas. A campanha mostrou que o sigilo sobre seus autores criou uma situação de desequilíbrio na distribuição dos recursos não apenas entre governistas e oposicionistas. Houve concentração de recursos, também, entre integrantes da mesma bancada, o que gerou muita insatisfação.